



As dimensões do educativo nas “Ocupas” de 2015 em São Paulo

Aryel Cacau

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e bolsista da FAPESC

Bruno Antonio Picoli

Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

bruno.picoli@uffs.edu.br

1. Introdução

Este texto trata de uma pesquisa de mestrado em andamento e tem como objeto as ocupações estudantis secundaristas no Estado de São Paulo durante o ano de 2015 contra o projeto da “Reorganização Escolar” proposta pelo então governador Geraldo Alckmin e seu secretário da educação, Herman Voorwald. A reforma visou redistribuir os estudantes em escolas de apenas Fundamental I, Fundamental II e/ou Ensino Médio. Como consequência, inicialmente 94 escolas estaduais teriam seu funcionamento finalizado, e seus prédios designados a outras funções. O anúncio público da mudança foi feito em 23 de setembro de 2015 no jornal matinal da TV Globo, Bom dia São Paulo.

A resposta ao anúncio deu-se nas ruas do Estado de São Paulo, em frente às escolas, praças e diretorias de educação. Cerca de 163 protestos foram registrados em mais de 60 cidades do Estado (Campos; Medeiros; Ribeiro, M., 2016, p. 41-42). Além de estudantes atingidos, participaram organizações sindicais e entidades estudantis. Para os manifestantes, fechar escolas e mudar estudantes de instituição com o argumento de melhora na educação, parecia um pretexto para “otimizar” espaços escolares que, para o Secretário, estavam ociosos, desconsiderando a superlotação das salas de aula, como retratado em matéria do Portal G1, em fevereiro do mesmo ano, 2015¹.

Sem grandes respostas do governo Alckmin, os estudantes enxergaram os limites dos atos de rua e buscaram outra maneira de enfrentar a Reorganização. Durante os primeiros protestos, tiveram acesso ao panfleto “Como ocupar um colégio”

¹ “Professores de SP denunciam superlotação em escolas estaduais”. disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/02/professores-de-sp-denunciam-superlotacao-em-escolas-estaduais.html>



elaborado pelo coletivo “O Mal Educado”, que consistia em um manual baseado nas ocupações estudantis chilenas de 2006. Inspirados nestes acontecimentos, os estudantes, sobretudo do Ensino Médio, construíram um levante de 213 escolas ocupadas a partir 09 de novembro até dezembro de 2015 (Campos; Medeiros; Ribeiro, M., 2016, p. 334-335). Dividiram-se em comissões de limpeza, alimentação, comunicação e segurança, dormiram em suas escolas e realizaram assembleias diárias para discutir sobre questões das ocupações e decidirem seus novos passos, até que suas reivindicações fossem ouvidas. Como resposta às ações dos estudantes, o governo estadual assumiu postura de confronto. Um áudio vazado do então chefe de gabinete Fernando Padula, menciona:

“Mas nós **“tamos” no meio de uma guerra**, e temos que nos preparar para continuar enfrentando, eventualmente a gente perde algumas batalhas, mas tem que **ganhar a guerra final** [...] De um lado é desqualificar o movimento [...] **aí você vai desmoralizando** e criando as agendas” (Capriglione, 2015, grifo nosso)

Em entrevista, Alckmin declarou que “Há uma nítida ação política”² nas ocupações, em uma tentativa de desacreditar o movimento. Instaurou-se uma guerra de informação. Durante as ocupações e também os *trancasços* (protestos em que estudantes travavam avenidas movimentadas com suas cadeiras escolares), a violência policial com os estudantes foi filmada e postada nas redes sociais das ocupações, principal veículo de comunicação entre os ocupantes e os apoiadores. Além disso, foi também televisionada por grandes emissoras, como a TV Globo. A guerra também era a da violência estatal.

Deste modo, através das diversas tensões construídas durante o período de 23 setembro de 2015 e dezembro de 2015, mês que marcou a revogação da proposta do governo estadual, analisamos as faces do educativo presentes nas movimentações que envolveram a Reorganização, de modo a responder a pergunta: Qual o educativo nas relações que envolvem os sujeitos da reorganização escolar do Estado de São Paulo em 2015 e seus desdobramentos?

O primeiro capítulo historiciza as ocupações as ações do governo Alckmin,

² Vide matéria disponível em:

<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/12/ha-uma-nitida-acao-politica-diz-alckmin-sobre-protestos-de-alunos.html>



delineando o caminho para o segundo capítulo, que, ao analisar a reforma da “Reorganização” e seu teor neoliberal têm uma amostra de uma das faces do educativo, “dado que o educativo é a intenção de transmitir um valor, não há nada que tenha dito valor em si” (Plá, 2022, p. 35, *tradução nossa*). O terceiro capítulo explorará as dinâmicas do educativo presente nas ações dos estudantes através da análise de sua organização política, e no quarto utiliza dessas fontes para compreender as dinâmicas de duas faces do educativo: o do enfrentamento e resistência construídos na luta dos estudantes frente ao fenômeno educativo do neoliberalismo.

2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, utilizando os métodos de análise bibliográfica, teórica e documental. O livro “Escolas de Luta” de Antonia Campos, Jonas Medeiros e Márcio Ribeiro (2016) será fonte central para a reconstrução histórica do evento, pois reúne documentos produzidos no contexto do movimento estudantil de 2015, bem como notícias de veículos de informação tradicionais, como o G1, Folha de São Paulo, Estadão, Globo, os portais independentes de jornalismo como o “Jornalistas Livres” e o “Mídia Ninja”; e as centenas de páginas de *Facebook* criadas pelos secundaristas, que constituíram o principal canal de comunicação das ocupações. Para a discussão das dimensões do educativo utilizamos Sebastian Plá (2022) e quanto às discussões envolvendo neoliberalismo contaremos com Freitas (2018), entre outros. Sendo esta uma pesquisa em andamento, entendemos que a bibliografia aumentará conforme seu desenvolvimento.

3. Resultados e discussão

Há nas ações dos estudantes um educativo, e um dos objetivos deste trabalho é entendê-lo. Ocupar a escola é uma experiência que pode ter produzido novas noções do que é o espaço escolar, saberes que ultrapassam intenções necessariamente pedagógicas e que podem ser fonte de um educar, uma vez que alteram a própria visão de escola. A postagem realizada na página então chamada de “Comando das Escolas Ocupadas”, que funcionava como órgão de tomada de decisão centralizado das ocupações, é um exemplo disso:



“Durante três meses ininterruptos de luta aprendemos a usar e desusar ferramentas que pareciam mais adequadas ao momento desta. E qualquer que fosse a tática usada no momento, nunca perdemos de vista o nosso foco: a conquista de uma educação libertadora.” (OCUPADAS, 2015)

Este pode ser um lugar que condiciona processos educativos, cria novas subjetividades e potenciais transformações de mundo. Essas experiências educativas não tem um valor em si, tratamos delas como dispositivos subjetivadores.

A experiência educacional não é boa nem ruim por si só. Pode ser dominação ou emancipação ou emancipação sob condições de dominação. Os sujeitos, os lugares, os saberes e as intenções são tão variados que produzem milhares e milhões de experiências educativas irrepetíveis. (PLÁ, 2022, p. 14, tradução da autora)

Esses fenômenos sem valores prévios, valem-se das coisas e dos “porquês” que fazemos, participamos. São desenvolvidos também no cotidiano. No caso do neoliberalismo, que Kaščák e Pupala (2011) consideram como “território escorregadio” (p. 149, *tradução nossa*), tratamos de valores que muitas vezes estão em discursos e práticas heterogêneas, que ao serem reorganizados como em um quebra-cabeça, convergem e então são capazes de serem usados para firmar discursos homogeneizadores, pois criam mosaicos de pensamento fundamentados por valores mobilizados para criar uma pretensa verdade:

Certamente, essa especialização e direcionamento da oferta contribuirá para otimizar os espaços físicos, o uso de equipamentos, melhorar a infraestrutura dotando-a de ambientes adequados ao tipo de ensino oferecido pela unidade escolar, promovendo assim um melhor acolhimento dos alunos e respeitando a diversidade de interesses específicos de cada faixa etária. (Pantojo; Salomão; Castro; Martins 2014, p. 18)

Neste excerto tirado de um relatório da Secretaria da Educação, utilizado para justificar a Reorganização, o discurso técnico, “neutro”, opera como uma cobertura sobre os diversos fatores educacionais e sociais complexos que uma reforma nessas proporções implica. Se constrói uma verdade única em busca de resultados, sem grande aprofundamento. “[o neoliberalismo] É uma forma de imperialismo porque busca afirmar sua própria verdade como a única verdade, não apenas na esfera econômica, mas em todas as esferas da vida, individual e social” (Guilherme; Picoli, 2019, p. 3). Essas maneiras de subjetivação também educam, e é também neste potencial educativo que iremos nos aprofundar na pesquisa.



4. Considerações finais

Há dentro das lutas estudantis de 2015 diversas dimensões do fenômeno educativo, uma vez que há subjetivação constante dos sujeitos, tanto ao construir novas subjetividades através da organização dos próprios estudantes, como em relação às ações do governo, e da própria Reorganização que em si que carregou características do neoliberalismo, este capaz de alterar visões de mundo através de sua pretensa totalidade. Esta pesquisa está em andamento e ainda aprofundará no educativo da organização política das ocupações estudantis paulistas de 2015.

Referências

BOCARDI, Rodrigo. Secretário da Educação esclarece dúvidas sobre a mudança na divisão de alunos nas escolas. Entrevistador: Rodrigo Bocardi. **Bom dia SP [Educação]**. São Paulo: Rede Globo, 23 de setembro de 2015. Programa de TV.

CAMPOS, Antonia M.; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Marcio M.. **Escolas de Luta**. São Paulo, Veneta (Coleção Baderna), 2016.

GUILHERME, Alex; PICOLI, Bruno Antonio. Neoliberalism and Education in the Global South: A New Form of Imperialism. In: NESS, Immanuel; COPE, Zak. **The Palgrave Encyclopedia of Imperialism and Anti-Imperialism**. Londres: Palgrave Macmillan, Cham, 2019. p. 1-13.

KASČÁK, Ondrej; PUPALA, Branislav. **Governmentality – Neoliberalism – Education: the Risk Perspective**. Pedagogický časopis, v. 2, n. 2, p. 145-160, 2011.

OCUPADAS, Comando das Escolas. **Manifesto do Comando das Escolas em Luta**. 17 dez. 2015. Facebook: Secundaristas em Luta de São Paulo. Disponível em: <https://www.facebook.com/luta.secundas/posts/pfbid04Wj4gNAcJPVHoQwVA94Jp5tYW8TcLGyeym71SWNj7yEQqWhxaz99586hZpw31pbt1>. Acesso em: 11 jul. 2025.

PLÁ, Sebastián. **Investigar la educación desde la educación**. Madri: Morata; Cidade do México: UNAM, 2022.

PANTOJO, B.; SALOMÃO, L. A.; CASTRO, M. N. P.; MARTINS, M. **Escolas estaduais com uma única etapa de atendimento e seus reflexos no desempenho dos alunos**. São Paulo: Coordenadoria de Informação, Monitoramento e Avaliação Educacional (Cima)/SEE-SP, agosto 2015.

Agradecimentos

Esta pesquisa é fomentada pela FAPESC.